

Indústria têxtil: uma análise do emprego formal em Santa Catarina *vis-à-vis* o Ceará – 1998/2008¹

Textile industry: An analysis of formal employment in Santa Catarina *vis-à-vis* Ceará – 1998/2008

Luís Abel da Silva Filho²

Silvana Nunes de Queiroz³

Resumo. Este artigo tem como propósito analisar e comparar o perfil da indústria têxtil bem como as características socioeconômicas dos seus trabalhadores entre os anos de 1998 e de 2008. O estado de Santa Catarina e o estado do Ceará são os alvos dessa investigação, haja vista que a indústria têxtil é o setor da indústria de transformação que mais emprega em ambos os estados, tradicionais lócus dessa atividade. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), são a principal fonte da pesquisa. Os principais resultados, por um lado, apontam semelhanças com o expressivo aumento no número de estabelecimentos abertos da indústria de transformação em Santa Catarina e no Ceará, com destaque para a indústria têxtil, setor que mais cria oportunidade de empregos em ambos os estados em 1998 e em 2008. Por sua vez, a rotatividade da mão de obra apresenta-se elevada, com predominância de trabalhadores empregados por menos de um ano, do sexo feminino e na faixa etária de 30 a 39 anos. Por outro lado, as principais diferenças mostraram que a indústria de grande porte é a que mais emprega no Ceará, e a de pequeno porte em Santa Catarina, sendo que 43,41% dos trabalhadores da indústria têxtil cearense têm o segundo grau completo, contra

Abstract. This article analyzes and compares the profile of the textile industry as well as the socioeconomic characteristics of its workers between 1998 and 2008. The state of Santa Catarina and the state of Ceará are the targets of this investigation, considering that the textile industry is the sector of the manufacturing industry that employs the largest number of workers in both states, which are traditional locations of this activity. The data of the Annual List of Social Information (RAIS), from the Ministry of Labor and Employment (MTE), are the main source of the investigation. The main results point out similarities in the significant increase of the number of companies started in the manufacturing industry in Santa Catarina and Ceará, especially in the textile sector, which created the highest number of employment opportunities in both states in 1998 and in 2008. The turnover rate of labor was high, with a predominance of female workers employed for less than one year and aged 30 to 39. On the other hand, the main differences showed that large companies are the ones that employ more workers Ceará and small businesses hire more people in Santa Catarina, and that 43.41% of textile workers in Ceará have a high school degree over against 32.10% in Santa Catarina. There

¹ Artigo Apresentado no IV Encontro de Economia Catarinense, Realizado pela Associação de Pesquisadores em Economia Catarinense – APEC e pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), de 29 a 30 de abril, Criciúma, SC, 2010.

² Mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN, Professor do Departamento de Economia da URCA, Pesquisador do Observatório das Metrópoles Núcleo de Natal, Linha II, Campus Universitário Lagoa Nova, 59078-900, Natal, RN, Brasil. E-mail: abeleconomia@hotmail.com

³ Doutoranda em Demografia pelo NEPO/UNICAMP. Professora assistente do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA) e Bolsista FUNCAP, Rua Cel. Antônio Luis, 1161, 63.100-000, Pimenta – Crato, CE, Brasil. E-mail: silvanaqueirozce@yahoo.com.br

32,10% em Santa Catarina. Ainda assim, as diferenças salariais persistem entre os dois estados, com 92,01% dos trabalhadores da indústria têxtil no Ceará e 58,36% em Santa Catarina, em 2008, ganhando até 2 salários mínimos.

Palavras-chave: indústria têxtil, emprego formal, Santa Catarina, Ceará.

are also wage differences between the two states, as in 2008 92.01% of textile workers in Ceará and 58.36% in Santa Catarina earned up to two minimum wages.

Keywords: textile industry, formal employment, Santa Catarina, Ceará.

1 Introdução

As transformações macroeconômicas mundiais do final do século XX impactaram fortemente nas economias em desenvolvimento. O processo de abertura econômica vivenciado no final do Governo Collor, seguido da implantação do Plano Real no Governo de Fernando Henrique Cardoso, concomitante com a ideologia de país globalizado (Dedecca e Rosandisk, 2006), teve como consequências a redução de tarifas de importação e a valorização do câmbio, que provocaram a entrada de produtos estrangeiros em larga escala (Kon e Coan, 2006). Dessa forma, o parque industrial brasileiro teve que passar por transformações significativas para conseguir sobreviver à concorrência acirrada com países que contavam com tecnologia de ponta e produtos similares. Nesse sentido, setores tradicionais da indústria brasileira que produziam em plantas industriais obsoletas perderam o mercado interno e precisaram reestruturar-se para permanecer no mundo globalizado em que se inseria a economia brasileira.

O parque industrial têxtil do Brasil, setor tradicional e dinamizador da economia do país por muitos anos, enfrentou forte concorrência, principalmente de produtos asiáticos, tendo que passar por transformações significativas em sua estrutura organizacional e de localização. Desde o início dos anos 1990, observa-se o processo de deslocamento de indústrias do Sul e do Sudeste do país para o Nordeste, dado esta região ser historicamente reconhecida por ofertar mão de obra barata e abundante, seja através do processo de migração de pessoas, ou em função de receber atividades produtivas com o propósito de encontrar força de trabalho menos onerosa, além de disciplinada. Isto porque os seus sindicatos, em grande maioria, são menos combativos.

Com a intensificação da concorrência na atividade têxtil, além da reestruturação produtiva, das novas formas de organização da produção e do trabalho, inovação tecnológica, entre outras, a busca por redução de custos de

produção ampliou o número de estabelecimentos no Nordeste e em regiões estratégicas do país. Por essa atividade ser, notadamente, intensiva em mão de obra, tornaram-se mais precárias as condições de vida da mão de obra empregada nesse setor, especialmente nos estados do Nordeste, em comparação com os do Sul e Sudeste do país.

A partir desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar e comparar o perfil da indústria e do emprego formal no setor têxtil, em dois estados brasileiros: Santa Catarina e Ceará. A escolha justifica-se em função de ambos serem os estados da região Sul e Nordeste que mais empregam trabalhadores na indústria têxtil em suas regiões, destacando-se entre os maiores produtores no país. A hipótese da pesquisa é de que houve aumento no número de estabelecimentos no setor, nos dois estados, seguido da precarização dos novos postos de trabalho abertos a partir da desvalorização dos salários dos trabalhadores e da alta rotatividade.

Utilizou-se como base de dados a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), para os anos de 1998 a 2008. A escolha desse período justifica-se em função da disponibilidade de informações, em que se procurou trabalhar com os dados mais recentes da RAIS/MTE, por um período de 11 anos, tentando captar a dinâmica do mercado de trabalho no setor têxtil, especialmente ao longo dos anos 2000. No tocante às características da indústria, foram tabulados dados referentes ao número de estabelecimentos industriais, número de trabalhadores por setor da indústria de transformação, quantidade de empregados na indústria têxtil e tamanho dos estabelecimentos. Para traçar o perfil dos trabalhadores da indústria têxtil de Santa Catarina e do Ceará, tabularam-se dados para as variáveis sexo, faixa etária, nível de escolaridade, tempo de permanência no emprego e faixa de rendimento.

Para atingir tal objetivo, o artigo está assim estruturado: além dessa introdução, na segunda seção, apresenta-se a discussão acerca da abertu-

ra econômica e do processo de reestruturação produtiva na indústria têxtil; na terceira, mostram-se as configurações no mundo do trabalho à luz da reestruturação produtiva, a partir da literatura vigente; na quarta seção, procura-se traçar e comparar o perfil da indústria têxtil e dos trabalhadores nela empregados em Santa Catarina e no Ceará, nos anos de 1998 a 2008; e, por último, fazem-se as considerações finais.

2 Breves considerações acerca da reestruturação da indústria e novas configurações no emprego formal

As transformações econômicas vivenciadas pela economia brasileira nos anos de 1990 provocaram novas configurações no mundo do trabalho. A reestruturação produtiva repercutiu acentuadamente no novo perfil de mão de obra em todos os setores de atividade econômica do país. No caso da indústria têxtil, a abertura econômica impulsionou com maior expressividade as consequências do processo de reconfiguração estrutural aos trabalhadores deste setor.

A reestruturação implementada em vários setores da cadeia produtiva, além de reduzir a contratação de mão de obra, modificou os processos de contratação de trabalhadores. O ganho de competitividade da indústria brasileira ocorreu com a desestruturação das condições de trabalho a partir dos anos 1990 (Barbosa e Nogueira Júnior, 2009). De acordo com Barbosa e Nogueira Junior (2009, p. 3):

A redução da força de trabalho nas áreas de maior competição consiste em uma “estratégia defensiva”, onde a elevação da produtividade da mão-de-obra constitui fenômeno derivado das mudanças após a abertura comercial comum aos setores de transformação no Brasil. Além disso, o enxugamento dos impasses, através da redução de estruturas constitui essa segunda forma de estratégia empresarial em face do acirramento da concorrência seja interna ou de produtores estrangeiros.

As estratégias empresariais utilizadas impactaram fortemente “o mundo do trabalho”, com destaque para a indústria têxtil. Conforme acrescentam Kon e Coan (2006, p. 23):

Esta modernização levou a um processo de redução de empregos e de concentração produtiva em grandes empresas, o que conferiu à indústria têxtil brasileira a característica de capital-intensiva, ao modificar continuamente a relação

capital/trabalho para o setor, tendência que se acentuou na década de 1990.

A redução do emprego na indústria têxtil foi observada, notadamente, nos setores de fiação, tecelagem e malharia. Segundo Kon e Coan (2006), a redução da mão de obra foi acentuada, uma vez que os setores citados empregavam 890 mil trabalhadores em 1990, reduzindo-os significativamente para aproximadamente 300 mil trabalhadores em 1999. As consequências foram além da redução dos postos de trabalho, pois as condições de trabalho foram modificadas. Conforme Pochmann (1999), na década de 1990, aumentou a produtividade da mão de obra, sem, no entanto, aumentar a participação dela no produto real do trabalho; ao contrário, reduziu-se a participação do salário real no produto, com reflexos para desestruturação do mercado de trabalho.

A “ideologia de país globalizado” provocou consequências no processo de atuação das organizações que tinham como objetivo a defesa da classe trabalhadora, e, acentuadamente foi disseminado o ideal de mão de obra desqualificada como dogma para justificar a ausência de atividades governamentais que possibilitassem a inclusão dos trabalhadores que haviam perdido seus postos de trabalho a partir do processo de abertura econômica (Dedecca e Rosandisk, 2006). Os setores de atividade econômica intensivos em mão de obra passaram a contratar através de novos processos, como, por exemplo, subcontratados, dentro deste o contrato em tempo parcial e o contrato por produtividade (Neves e Pedrosa, 2007).

Nesse sentido, com o avanço da globalização econômica e financeira ao longo dos anos 1990, juntamente com a reestruturação produtiva, observaram-se significativas alterações nas práticas de organização da produção e do trabalho. A próxima seção aborda o impacto desses processos no setor têxtil nacional.

3 Abertura econômica e reestruturação produtiva da indústria têxtil

O processo de reestruturação produtiva da indústria têxtil brasileira ocorreu notadamente a partir da abertura econômica entre o final dos anos 1980 e início da década de 1990. Houve a necessidade de o setor adaptar-se às novas formas de produção que lhe conferissem melhor posição na concorrência

com produtos intencionais, principalmente asiáticos, que, em larga escala, “inundaram” o mercado brasileiro mediante a redução de tarifas de importação (Kon e Coan, 2006). Os produtos asiáticos encontraram um mercado consumidor, impulsionado pela estabilização dos preços e pelo aumento do poder de compra da população de baixa renda, a partir da estabilização da economia brasileira com o Plano Real.

O processo de restauração da produção têxtil no Brasil ocorreu, sobretudo, pela expansão da atividade produtiva para outras regiões do país, onde alguns fatores foram determinantes para a redução de custos. Dentre eles, a mão de obra, e, concomitante a isso, o aumento da competitividade. Segundo Kon e Coan (2006), observou-se o deslocamento de plantas industriais das regiões Sul e Sudeste para o Nordeste, visto que em alguns estados desta região, além de estímulos fiscais, as unidades incentivaram a capacitação de mão de obra através da criação de programas de qualificação voltados para o exercício das atividades nesse setor de produção (Kon e Coan, 2006).

Com a reespacialização da indústria têxtil, a partir dos anos de 1990, pode-se observar que, além de implantação de tecnologia no parque fabril, a migração de atividades para outras regiões seria uma alternativa para sobreviver à concorrência acirrada que esse setor enfrentava. Segundo Campos, Moutinho e Campos (2009, p. 6):

[...] Para o caso da indústria têxtil, deve-se entender o uso de reestruturação produtiva dentro do contexto de localização industrial. O processo de realocação está inteiramente aliado à reestruturação produtiva. Muitas vezes, a reestruturação envolve o abandono de plantas obsoletas. É natural que a montagem da nova planta, feita nos moldes da reestruturação produtiva, ocorra em regiões onde os fatores competitivos ligados à localização de indústrias apresentando-se favoráveis. [...] as firmas, na busca de maior competitividade empreendem medidas [...] que, no limite, podem envolver a escolha de novas localizações onde os fatores estruturais e sistêmicos sejam melhores.

Na região Nordeste, ocorreu aumento significativo no número de indústrias têxteis que migraram do Sul e Sudeste, notadamente do Vale do Itajaí em Santa Catarina e de cidades do interior paulista. Observa-se também aumento significativo do tamanho das plantas

industriais. No caso do Ceará, no ano de 1998 e no de 2008, a grande indústria têxtil é a que mais emprega (Quadro 3), conforme os dados da RAIS/MTE.

Dessa forma, atribui-se à abertura econômica o processo pelo qual tem passado a atividade industrial do país, que, segundo Saraiva, Pimenta e Corrêa (2005), absorveu os impactos da globalização com intensidade superior aos demais setores da economia. Nesse contexto, foi inevitável o fechamento de algumas plantas industriais, sobretudo em atividades do setor têxtil que operava com estruturas obsoletas e sob a égide da proteção do governo federal contra a concorrência através da tarifa para importação (Kon e Coan, 2006).

Assim, foi necessária a otimização dos recursos, a reespacialização e a busca por mão de obra com custos menos elevados. Saraiva, Pimenta e Corrêa (2005, p. 70) acrescentam que

[a] reestruturação produtiva é basicamente resultado da combinação de dois fatores. Em primeiro lugar, as inovações de base microeletrônica que revolucionaram a maneira pela qual o trabalho é organizado, entretanto profundamente os princípios tayloristas de configuração de tarefas [...] a esse aspecto soma-se a questão da flexibilidade, manifestações em termos de organização produtiva de composição da mão-de-obra e de nível de produção.

Conforme a citação acima, para manter-se competitivas, as indústrias do setor têxtil em um primeiro momento investiram em inovação tecnológica, bem como na reespacialização de suas atividades. Destaca-se que o primeiro fator, evidentemente, foi observado em toda a cadeia têxtil nacional. Já a realocação se concentrou em algumas “ilhas do setor têxtil” nos estados do Nordeste, notadamente no Ceará e no Rio Grande do Norte, unidades que tradicionalmente já desenvolvem essa atividade, impostas por generosos incentivos fiscais e financeiros oferecidos pelo Governo e por mão de obra barata. Tudo isso concorreu para a migração de elevado número de indústrias têxteis do Sul e do Sudeste.

A realocação da atividade têxtil no Nordeste não garantiu, no entanto, a integração das indústrias do setor e nem mesmo no país, antes do final da década. Foi essa a diferença da produção asiática, que, através de sistemas de parcerias entre as unidades de cadeia, conseguiu aumentar a produtividade e expandir

se por mais países em todo o mundo. No caso do Nordeste, a criação de elos entre as indústrias da cadeia produtiva era, no mínimo, necessária para garantir a permanência no mercado (Campos, Moutinho e Campós, 2009). Entretanto,

[a] indústria têxtil nordestina tem avançado no sentido da sua verticalização produtiva, principalmente, no contexto da cadeia produtiva de fiação e tecelagem. Contudo, a integração desta com a indústria de transformação não é considerada satisfatória. A verticalização da produção (fiação-tecelagem/ malharia-confecção) é mais comum entre malharias. Citam-se como exemplo de integração no setor têxtil no Nordeste a FIBRASIL (PE) e a LUN's (CE) e a COTEMINAS (PB e RN). Existem recentemente experiências de verticalização de produção através de novas formas como é o caso da empresa cearense Jangadeiro Têxtil S.A. e a Cooperativa de Confecções que mantém relações produtivas com ela (Banco do Nordeste do Brasil, 1999 apud Campos, Moutinho e Campos, 2009, p. 8).

Vale frisar que a ausência de interação, em maior ou menor escala, da indústria têxtil do Brasil foi o fator determinante do fechamento de algumas unidades após o processo de abertura econômica. A fragilidade do setor têxtil nacional, tanto em organização produtiva quanto em estrutura operacional, impôs limites à expansão da atividade nos primeiros anos da globalização econômica e repercutiu negativamente no processo de concorrência que o setor teve que enfrentar. Isso determinou a absoluta redução da produção e a consequente desestruturação do setor (Kon e Coan, 2006).

Diante desse cenário, a próxima seção analisa a dinâmica do mercado de trabalho têxtil em subespaços regionais – Santa Catarina e Ceará, em dois períodos distintos: 1998 e 2008, com o intuito de verificar os possíveis efeitos e/ou impactos da globalização, da reestruturação produtiva e da abertura econômica, sobre o mercado de trabalho nos citados territórios.

Quadro 1. Número de Estabelecimentos na Indústria de Transformação Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 1. Number of Establishments in the Manufacturing Industry in Ceará and Santa Catarina – 1998/2008

IND. TRANF	1998				2008				VAR (%)	VAR (%)
	CE		SC		CE		SC			
	Nº ESTAB (ABS)	(%)								
EXT MINERAL	102	1,88	327	1,79	137	1,51	405	1,31	34,31	23,85
MIN NAO MET	388	7,16	1.430	7,84	573	6,30	1.974	6,39	47,68	38,04
IND METALUR	328	6,05	1.760	9,65	622	6,84	3.337	10,80	89,63	89,60
IND MECANIC	94	1,73	610	3,34	200	2,20	1.709	5,53	112,77	180,16
ELET E COMU	37	0,68	208	1,14	69	0,76	410	1,33	86,49	97,12
MAT TRANSP	58	1,07	285	1,56	94	1,03	442	1,43	62,07	55,09
MAD E MOBI	426	7,86	3.986	21,86	597	6,56	5.001	16,19	40,14	25,46
PAPEL E GRA	320	5,90	802	4,40	579	6,36	1.612	5,22	80,94	101,00
BOR FUM CO	188	3,47	496	2,72	397	4,36	942	3,05	111,17	89,92
IND QUIMICA	301	5,55	871	4,78	470	5,17	1.620	5,25	56,15	85,99
IND TEXTIL	1.647	30,38	4.329	23,74	2.984	32,79	8.328	26,96	81,18	92,38
IND CALCAD	149	2,75	225	1,23	302	3,32	368	1,19	102,68	63,56
ALIM E BEB	1.273	23,48	2.577	14,13	1.935	21,27	4.216	13,65	52,00	63,60
SER UTIL PU	110	2,03	332	1,82	140	1,54	522	1,69	27,27	57,23
Total	5.421	100,00	18.238	100,00	9.099	100,00	30.886	100,00	67,85	69,35

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE, 1998 e 2008.

4 Características da indústria têxtil catarinense e cearense – 1998/2008

Os dados da Quadro 1 ilustram a evolução no número de estabelecimentos abertos na indústria de transformação em Santa Catarina e no Ceará. Em 1998, o estado de Santa Catarina tinha 18.238 unidades produtivas, aumentando-o em dez anos para 30.886 estabelecimentos, um crescimento de 69,35% entre 1998-2008. O Ceará apresenta crescimento (67,85%) semelhante ao de Santa Catarina, ao passar de 5.421 indústrias de transformação em 1998, para 9.099 unidades em 2008. Todavia, em termos absolutos, o estado do Sul apresenta, em 2008, mais de 21.000 estabelecimentos quando comparado ao Ceará.

Ao longo desses dez anos em análise, poucas mudanças foram observadas na participação relativa das principais atividades econômicas da indústria de transformação, para Santa Catarina e para o Ceará. Em 1998, Santa Catarina já concentra suas unidades produtivas na indústria têxtil (23,72%), no setor de madeira e mobiliário (21,86%) e no ramo de alimentação e bebidas (14,13%), perfazendo um total de 59,71%. Em 2008, o setor têxtil (26,96%), a indústria de madeira e mobiliário (16,19%) e o ramo de alimentação e bebidas (13,65%) continuam destacando-se com 56,8% do total de unidades produtivas. No caso do Ceará, a concentração dos estabelecimentos é maior, apenas em dois setores: indústria têxtil (30,38%) e alimentação e bebidas (23,48%), que em 1998 representou 53,86% de suas unidades produtivas, aumentando ligeiramente para 54,06% em 2008.

Dos 14 setores da indústria de transformação, entre 1998/2008, o estado do Ceará apresentou em sete deles taxa de crescimento superior à do estado de Santa Catarina. Foram eles: extrativa mineral (34,81% contra 23,85%), minerais não metálicos (47,68% contra 38,04%), indústria metalúrgica (89,63% contra 89,60%), materiais e transportes (62,07% contra 55,09%), madeira e mobiliário (40,14% contra 25,46%), borracha, fumo e couro (111,17% contra 89,92%) e indústria de calçados (102,68% contra 63,56%).

A partir de 1987, o Governo do Ceará, com o objetivo de impulsionar o desenvolvimento do estado, elegeu a indústria como o propulsor desse processo. A estratégia para o crescimento da economia cearense não se restringiu apenas ao ajuste nas contas fiscais. Outra característica marcante adotada pelo Governo

estadual foi a “forte” política de incentivos fiscais e/ou “guerra fiscal”, combinada com a realização de investimentos em infraestrutura e qualificação da mão de obra local, criando um ambiente sedutor para a instalação de novas indústrias no Ceará. (Silva Filho; Queiroz, 2009).

Por sua vez, Santa Catarina apresentou taxa de crescimento superior ao Ceará nos setores da indústria mecânica (180,76% contra 112,77%), elétricos e comunicação (97,12% contra 86,49%), papel e gráfica (101,00% contra 80,94%), indústria de alimentos e bebidas (63,60% contra 52,00%), serviços de utilidade pública (57,23% contra 27,27%) e finalmente na indústria têxtil, objeto dessa investigação científica (92,38% contra 81,18%).

No tocante ao número de trabalhadores empregados na indústria de transformação, a Quadro 2 aponta que em Santa Catarina e no Ceará a indústria têxtil é a atividade que mais emprega em ambos os estados nos anos de 1998 e 2008.

Em 1998, Santa Catarina empregava 25,23% de sua mão de obra no setor têxtil, e o Ceará 29,44%. No ano de 2008, Santa Catarina aumenta levemente para 25,57% a sua participação no setor em questão, enquanto o Ceará a reduz ligeiramente para 27,91%. Entretanto, cabe destacar que o ramo têxtil, em termos absolutos, emprega mais mão de obra em Santa Catarina (155.134) do que no Ceará (62.706), como também a taxa de crescimento foi superior para o estado do Sul, com variação de 85,62% contra 62,92% para o estado do Nordeste, entre 1998/2008.

Segundo o Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico (CEDE) do Ceará, em 2008, 16% do PIB do estado advém do setor têxtil, que consome cerca de 40% da energia industrial. O setor têxtil impulsiona a economia cearense, que possui um parque industrial moderno, e, em 2009, conta com aproximadamente 2.600 confecções e 50 indústrias de fiação, malharia e tecelagem.

O setor têxtil também detém grande importância produtiva e econômica para Santa Catarina. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), em 2008, 15,49% do PIB da indústria têxtil brasileira é produzido nesse estado, que figura em segundo lugar na produção nacional. O Ceará, por seu turno, detém 6,6% do PIB têxtil brasileiro, ocupando o quinto lugar no ranking nacional.

Quadro 2. Número de Trabalhadores por Setor da Indústria de Transformação Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 2. Number of Workers by Sector of Manufacturing Industry in Ceará and Santa Catarina – 1998/2008

IND. TRANF	1998				2008					
	CE		SC		CE		SC		CE	SC
	Nº TRAB (ABS)	(%)	VAR (%)	VAR (%)						
EXTR MINERAL	1.969	1,51	4.657	1,41	2.600	1,16	7.711	1,27	32,05	65,58
MIN NAO MET	6.916	5,29	21.214	6,40	9.976	4,44	30.198	4,98	44,25	42,35
IND METALURG	6.399	4,89	21.253	6,42	11.395	5,07	49.569	8,17	78,07	133,23
IND MECANICA	2.378	1,82	20.737	6,26	3.831	1,71	45.430	7,49	61,10	119,08
ELET E COMUN	1.546	1,18	9.182	2,77	2.278	1,01	21.763	3,59	47,35	137,02
MAT TRANSP	1.087	0,83	7.432	2,24	3.000	1,34	16.569	2,73	175,99	122,94
MAD E MOBIL	4.401	3,37	52.276	15,78	6.614	2,94	66.138	10,90	50,28	26,52
PAPEL E GRAF	4.419	3,38	17.498	5,28	7.004	3,12	26.892	4,43	58,50	53,69
BOR FUM COUR	2.449	1,87	5.463	1,65	6.626	2,95	14.343	2,36	170,56	162,55
IND QUIMICA	5.963	4,56	22.248	6,72	11.498	5,12	41.569	6,85	92,82	86,84
IND TÊXTIL	38.490	29,44	83.577	25,23	62.706	27,91	155.134	25,57	62,92	85,62
IND CALÇADOS	20.243	15,48	2.842	0,86	49.832	22,18	7.316	1,21	146,17	157,42
ALIM E BEB	27.102	20,73	49.408	14,92	40.782	18,15	106.689	17,58	50,48	115,93
SER UTIL PUB	7.377	5,64	13.462	4,06	6.518	2,90	17.453	2,88	-11,64	29,65
Total	130.739	100,00	331.249	100,00	224.660	100,00	606.774	100,00	71,84	83,18

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE, 1998 e 2008.

Os dados apresentados até o momento referem-se a todos os setores da indústria de transformação, procurando apontar a importância da indústria têxtil na geração de empregos em Santa Catarina e no Ceará. As informações contidas no Quadro 3 retratam a dinâmica da indústria têxtil nos dois estados, objeto de estudo desse trabalho.

Na micro e pequena indústria, a dinâmica foi a mesma tanto para o Ceará quanto para Santa Catarina, expandindo-se expressivamente a geração de empregos. Nas unidades produtivas de micro porte, em 1998, o Ceará empregava 17,22% de sua mão de obra a qual se eleva, em 2008, para 19,37%. Já nesse ponto, Santa Catarina sobe de 18,17%, em 1998, para 21,97%, em 2008. Com relação aos estabelecimentos de pequeno porte, o primeiro estado empregava, em 1998, 22,57% da mão de obra e passa a empregar, em 2008, 29,65%; Santa Catarina sai de 25,80%, em 1998, para 27,99%, em 2008.

Nos estabelecimentos de médio porte, que empregam de 100 a 499 trabalhadores, o Ceará reduz a sua participação percentual da mão de obra empregada de 23,35% para 19,59%, e Santa Catarina aumenta-a de 23,89% em 1998 para 24,52% em 2008. Por sua vez, a grande indústria têxtil reduz a participação percentual no estado do Ceará de 36,86%, em 1998, para 31,40%, em 2008, e o estado do Sul também a reduz, porém de modo mais acentuado do que no Nordeste, quando sai de 32,14%, em 1998, para 25,51%, em 2008. Kon e Coan (2006) afirmam que a reestruturação produtiva acabou por concentrar a produção têxtil em grandes empresas do setor. De fato, tal concentração ainda é observada para a indústria têxtil catarinense e cearense, apesar de os dados do Quadro 3 apresentarem, entre 1998/2008, diminuição na participação da indústria de grande porte *vis-à-vis* o aumento da participação de micro e pequeno porte têxtil em ambos os estados.

Essa dinâmica, por um lado, pode ser re-

Quadro 3. Número de Trabalhadores na Indústria têxtil Segundo o Tamanho do Estabelecimento Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 3. Number of Workers in the Textile Industry According to Establishment Size in Santa Catarina and Ceará – 1998 / 2008

TAMANHO DO ESTABELECIMENTO	1998				2008			
	CE		SC		CE		SC	
	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)
MICRO ATÉ 19	6.629	17,22	15.183	18,17	12.146	19,37	34.087	21,97
PEQUENA (20 A 99)	8.689	22,57	21.564	25,80	18.591	29,65	43.421	27,99
MÉDIA (100 A 499)	8.986	23,35	19.965	23,89	12.282	19,59	38.045	24,52
GRANDE (ACIMA DE 500)	14.186	36,86	26.865	32,14	19.687	31,40	39.581	25,51
Total	38.490	100,00	83.577	100,00	62.706	100,00	155.134	100,00

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE, 1998 e 2008.

sultado da desverticalização da produção ou do modelo de acumulação flexível em que as indústrias produzem em menores unidades, como no caso de Santa Catarina; por outro lado, pode indicar que as indústrias têxteis que se deslocaram do Sul e Sudeste do país para o Ceará são em sua maioria de grande porte. Os dados apresentados nos Quadros 1, 2 e 3 indicam, respectivamente, expansão para o número de indústrias têxteis abertas, aumento na geração de empregos, especialmente, na empresa de micro e pequeno porte em Santa Catarina e no Ceará ao longo dos anos, o que justifica, certamente, uma análise mais apurada das características socioeconômicas da mão de obra empregada nessa atividade.

5 Comparativo entre o perfil socioeconômico dos trabalhadores da indústria têxtil catarinense e cearense – 1998/2008

Os dados da Quadro 4 apresentam o número de trabalhadores da indústria têxtil, segundo o sexo. A análise desagregada por sexo aponta que tanto em Santa Catarina quanto no Ceará, nos anos de 1998 a 2008, a mão de obra feminina predominava. No estado do Nordeste, em 1998, 56,73% dos trabalhadores da indústria têxtil eram mulheres, número que sobe para 62,32% no estado do Sul, contra 43,27% para o primeiro e 37,68% para o segundo estado, no que diz respeito à mão de obra masculina empregada. Observe-se que, no ano de

1998, a participação feminina na indústria têxtil catarinense era superior à cearense.

No ano de 2008, a mão de obra feminina aumenta a sua participação nesse setor de atividade econômica. No Ceará, 59,04% da mão de obra têxtil era feminina em 2008, contra 40,96% de mão de obra masculina. Em Santa Catarina, a tendência foi a mesma, com 63,70% das vagas ocupadas por mulheres e 36,30% por homens. Cabe destacar que nesse setor, caracterizado como atividade que remunera com baixos salários, a mulher acaba por exercer dupla jornada (Dedecca, 2009) de trabalho e reduz o tempo de atividade para reprodução social. Porém, são elas motivadas pela necessidade de aumento de renda, ou, em alguns casos, são mulheres que precisam trabalhar por serem chefes de família (Leone, 2003) em virtude da ausência paterna no ambiente familiar.

Em suma, movidas por questões econômicas e pessoais como complemento da renda familiar, independência financeira, aumento do nível de escolaridade, criação de novos postos de trabalho compatíveis às aptidões femininas, mudança no papel da mulher na sociedade, utilização de métodos contraceptivos ou por assumirem, em muitos casos, o papel de chefe de família, constata-se aumento, ainda que de forma lenta, da participação das mulheres no mercado de trabalho, especialmente em atividades que tradicionalmente empregam mais mulheres, como é o caso da indústria têxtil (Arrais, Queiroz e Alves, 2008).

Quadro 4. Número de Trabalhadores na Indústria Têxtil Segundo Sexo Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 4. Number of Workers in the Textile Industry by Gender in Ceará and Santa Catarina – 1998/2008

SEXO	1998				2008			
	CE		SC		CE		SC	
	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)
MASCULINO	16.655	43,27	31.494	37,68	25.684	40,96	56.319	36,30
FEMININO	21.835	56,73	52.083	62,32	37.022	59,04	98.815	63,70
Total	38.490	100,00	83.577	100,00	62.706	100,00	155.134	100,00

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE, 1998 e 2008.

Quadro 5. Número de Trabalhadores na Indústria Têxtil Segundo Faixa Etária Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 5. Number of Workers in the Textile Industry According to Age Group in Ceará and Santa Catarina – 1998/2008

FAIXA ETÁRIA	1998				2008			
	CE		SC		CE		SC	
	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)
ATÉ 17	340	0,88	5.090	6,09	188	0,30	6.775	4,37
18 A 24	9.041	23,49	23.222	27,79	14.393	22,95	41.189	26,55
25 A 29	8.473	22,01	15.754	18,85	13.901	22,17	27.050	17,44
30 A 39	13.927	36,18	25.913	31,00	19.081	30,43	40.317	25,99
40 A 49	5.473	14,22	11.197	13,40	11.475	18,30	30.291	19,53
50 A 64	1.173	3,05	2.318	2,77	3.595	5,73	9.322	6,01
65 OU MAIS	43	0,11	72	0,09	73	0,12	190	0,12
IGNORADO	20	0,05	11	0,01	0	0,00	0	0,00
Total	38.490	100,00	83.577	100,00	62.706	100,00	155.134	100,00

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE, 1998 e 2008

A Quadro 5 compara o número de trabalhadores no ramo têxtil por faixa etária em Santa Catarina e no Ceará. Os dados mostram que, em 1998, no Ceará, 0,88% da mão de obra tinha até 17 anos, contra 6,09% em Santa Catarina. No ano de 2008, reduz-se o percentual de trabalhadores com até 17 anos em ambos os estados, porém Santa Catarina ainda permanece com 4,37% de sua mão de obra nessa faixa etária, contra somente 0,30% no Ceará. Provavelmente a explicação para o estado de Santa Catarina empregar mais trabalhadores jovens

do que o Ceará reside no fato de existirem, naquele estado, políticas públicas mais eficazes ao incentivo do primeiro emprego, maior demanda de mão de obra jovem por parte da indústria têxtil, ou necessidades financeiras que têm estimulado esses jovens a ingressar mais cedo no mercado de trabalho, comprometendo provavelmente os seus estudos.

Para a mão de obra entre 18 e 24 anos houve ligeira redução percentual da participação na força de trabalho têxtil nos dois estados. O Ceará sai de 23,49% em 1998 para 22,95% em

2008, e Santa Catarina passa de 27,79% para 26,55% nos anos já citados. Cabe destacar que, em Santa Catarina, essa é a faixa etária com o maior percentual de trabalhadores empregados no setor têxtil em 2008. No Ceará, a faixa etária que mais se emprega está entre 30 e 39 anos, tanto em 1998 (36,18%) quanto em 2008 (30,43%). Em Santa Catarina, 31% da mão de obra estavam nessa faixa etária em 1998, reduzindo-se para 25,99% no ano de 2008.

Importa realçar o aumento no percentual de trabalhadores com idade entre 50 a 64 anos, na indústria têxtil, nos dois estados em análise. O Ceará, que empregava 3,05% de sua mão de obra na indústria têxtil na faixa etária de 50 a 64 anos em 1998, passa a empregar 5,73% em 2008; Santa Catarina, que empregava 2,77% em 1998, eleva esse percentual para 6,01% em 2008. Para o último estado, a elevação percentual foi ainda maior. Acrescente-se que também se elevou o percentual de trabalhadores, nos dois estados, com 65 anos ou mais. Segundo Silva Filho e Queiroz (2009), isso pode ser consequência da necessidade de tais trabalhadores permanecerem na ativa, mesmo depois de aposentados, pois em inúmeros domicílios os recursos financeiros advindos da previdência (aposentadorias, pensões e o Benefício de Prestação Continuada – BPC) representam a única renda da família.

Com relação ao nível de escolaridade da mão de obra formal empregada na indústria têxtil cearense e catarinense, os trabalhadores analfabetos, tanto em 1998 quanto em 2008, são os que menos se encontram empregados na indústria têxtil de ambos os estados, não chegando no último ano sequer a 0,5% em ambos os estados.

O estado do Nordeste tinha 7,25% de sua mão de obra representada por trabalhadores com a 4ª série incompleta, contra apenas 3,11% no estado do Sul. Em 2008, o percentual com esse nível de escolaridade se reduz nos dois estados, alcançando 1,51% no Ceará e 1,42% em Santa Catarina. Aqueles trabalhadores que tinham a 4ª série completa representavam 9,34% da mão de obra empregada, em 1998, na indústria têxtil cearense, contra 22,63% em Santa Catarina – o que demonstra elevado percentual de trabalhadores no Sul com esse nível de escolaridade. Em 2008, reduz-se significativamente o percentual de trabalhadores com esse nível de escolaridade, em ambos os estados, com apenas 2,29% no Ceará contra 7,85% na têxtil catarinense.

Ao se somarem as faixas de escolaridade – 8ª série incompleta e 8ª série completa, em 1998, o estado do Ceará contava com 56,84% de sua força produtiva nesse nível de escolari-

Quadro 6. Número de Trabalhadores na Indústria Têxtil Segundo Escolaridade Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 6. Number of Workers in the Textile Industry According to Education in Ceará and Santa Catarina – 1998/2008

ESCOLARIDADE	1998				2008			
	CE		SC		CE		SC	
	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)
ANALFABETO	712	1,85	509	0,61	202	0,32	314	0,20
4.SER INCOMP	2.789	7,25	2.596	3,11	949	1,51	2.197	1,42
4.SER COMP	3.595	9,34	18.911	22,63	1.434	2,29	12.181	7,85
8.SER INCOMP	10.763	27,96	17.876	21,39	6.924	11,04	19.378	12,49
8.SER COMP	11.114	28,88	23.714	28,37	16.069	25,63	39.306	25,34
2.GR INCOMP	3.239	8,42	8.723	10,44	8.010	12,77	22.733	14,65
2.GR COMP	5.317	13,81	8.552	10,23	27.223	43,41	49.805	32,10
SUP. INCOMP	273	0,71	1.260	1,51	861	1,37	4.826	3,11
SUP. COMP	657	1,71	1.413	1,69	1.024	1,63	4.383	2,83
MESTRADO	0	0,00	0	0,00	10	0,02	10	0,01
DOCTORADO	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,00
IGNORADO	31	0,08	23	0,03	0	0,00	0	0,00
Total	38.490	100,00	83.577	100,00	62.706	100,00	155.134	100,00

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE, 1998 e 2008.

dade, contra 49,76% em Santa Catarina, caindo para 36,67%, em 2008, no Ceará, e 35,83%, em Santa Catarina.

Aumenta, assim, o número de trabalhadores mais escolarizados na indústria têxtil nos dois estados em análise. O Ceará elevou de 8,42% o seu número de trabalhadores com 2º grau incompleto, em 1998, para 12,77%, em 2008. Para esse mesmo nível de escolaridade, Santa Catarina apresenta dinâmica semelhante ao passar de 10,44% em 1998, para 14,65% em 2008.

Durante o período em estudo, o que chama a atenção é a elevação na proporção e no número de trabalhadores com o 2º Grau Completo. Na têxtil cearense, em 1998, 13,81% de sua mão de obra empregada tinha o segundo grau completo, elevando-se significativamente para 43,41%. Já o estado de Santa Catarina saiu de 10,23% para 32,10% no mesmo período. No estado do Sul, o percentual nesse nível de escolaridade é menor do que no estado do Nordeste. Entretanto, para os níveis de escolaridade mais elevados – superior incompleto e superior completo – a indústria têxtil catarinense apresenta maior percentual que a têxtil cearense. Confirma-se assim que “a melhoria no nível educacional comprova a discussão da reestruturação produtiva que entende que o novo paradigma produtivo, baseado na microeletrônica, exige maior nível educacional dos trabalhadores” (Campos, Moutinho e Campos, 2009, p. 11).

Os dados também mostram que somente em 2008 a indústria têxtil cearense e a têxtil catarinense apresentam empregados com a titulação de mestre, sendo 10 trabalhadores em cada estado. Esses resultados refletem principalmente as exigências do mercado, que impõe às indústrias têxteis que se modernizem e se adaptem ao processo de globalização e de abertura econômica e financeira, mediante a contratação de trabalhadores cada vez mais qualificados, ainda que seja na indústria têxtil, caracterizada por ser intensiva em mão de obra.

Os dados da Quadro 7 referem-se ao tempo de permanência da mão de obra empregada na indústria têxtil do Ceará e de Santa Catarina. Os resultados apontam para alta rotatividade e/ou pouco tempo de permanência dos trabalhadores empregados nos setores têxteis catarinense e cearense. Em 1998, 36,16% dos trabalhadores na indústria têxtil cearense e 29,88% no setor têxtil catarinense ficaram empregados por menos de um ano, e em 2008, eleva-se para

38,08% no Ceará e 35,62% em Santa Catarina, evidenciando, ao longo desses dez anos em análise aumento da precarização em ambos os estados.

Para os que passavam mais de 1 e menos de 2 anos, o percentual também foi elevado. No Ceará, 19,67% em 1998, e 20,14% em 2008. Em Santa Catarina, 17,40% e 19,78% em 1998 e em 2008, respectivamente. No trabalho realizado anteriormente por Campos, Moutinho e Campos (2009) foram encontrados resultados semelhantes para a indústria têxtil da região Nordeste.

No caso da mão de obra que permanecia empregada por mais de 2 e menos de 5 anos, ocorreu redução percentual tanto no Ceará (de 26,22% para 21,19%) quanto em Santa Catarina (de 27,01% para 25,19%) entre os anos de 1998 e 2008, respectivamente. Já na faixa de permanência de mais de 5 a menos de 10 anos, o Ceará aumenta a participação percentual de empregados (de 10,79% para 13,69%) e Santa Catarina a reduz (de 14,17% para 11,70%), nos anos analisados.

Destaca-se ainda que, no ano de 2008, somente 6,18% no Ceará e 7,81% em Santa Catarina permaneciam empregados por mais de 10 anos na indústria têxtil, demonstrando, assim, elevada rotatividade da mão de obra empregada tanto no estado do Nordeste quanto no do Sul.

Isto comprova a precarização e a instabilidade no mercado de trabalho, já que o emprego duradouro se encontra cada vez mais difícil, em virtude da substituição de profissionais experientes por funcionários mais jovens e com salários menores (Arrais; Queiroz; Alves, 2008).

Sob a ótica da remuneração, os dados da Quadro 8 mostram que, no ano de 1998, 3,75% dos trabalhadores empregados na indústria no Ceará e 1,21% em Santa Catarina recebiam até 1 salário mínimo. Em 2008, eleva-se o percentual na têxtil cearense para 10,59% e na catarinense para 1,60%, o que evidencia empobrecimento dos trabalhadores no período em estudo, com destaque para o Ceará.

Para aqueles que auferiam mais de 1 até 2 salários mínimos, as disparidades entre os rendimentos em Santa Catarina e o Ceará aumentam. Em 1998, 66,78% da força de trabalho empregada na indústria têxtil cearense recebiam essa faixa de rendimento, contra 23,01% em Santa Catarina. No ano de 2008, a precarização se intensifica, dado que o percentual de trabalhadores na indústria têxtil cearense

Quadro 7. Número de Trabalhadores na Indústria Têxtil Segundo o Tempo de Serviço Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 7. Number of Workers in the Textile Industry According to Number of Years of Employment in Santa Catarina and Ceará – 1998/2008

FAIXA DE TEMPO DE SERVIÇO (EM ANOS)	1998				2008			
	CE		SC		CE		SC	
	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)
ATÉ 1 ANO	13.918	36,16	24.971	29,88	23.880	38,08	55.251	35,62
MAIS DE 1 A MENOS DE 2	7.613	19,78	14.543	17,40	12.629	20,14	30.522	19,67
MAIS DE 2 A MENOS DE 5	10.094	26,22	22.578	27,01	13.736	21,91	39.078	25,19
MAIS DE 5 A MENOS DE 10	4.152	10,79	11.843	14,17	8.582	13,69	18.154	11,70
MAIS DE 10 ANOS	2.699	7,01	9.631	11,52	3.875	6,18	12.122	7,81
IGNORADO	14	0,04	11	0,01	4	0,01	7	0,00
Total	38.490	100,00	83.577	100,00	62.706	100,00	155.134	100,00

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/TEM, 1998 e 2008.

Quadro 8. Número de Trabalhadores na Indústria Têxtil Segundo Faixa Salarial Santa Catarina e Ceará – 1998/2008

Chart 8. Number of Workers in the Textile Industry According to Salary Range in Santa Catarina and Ceará – 1998 / 2008

FAIXA DE REMUNERAÇÃO	1998				2008			
	CE		SC		CE		SC	
	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)	Nº TRAB (ABS)	(%)
ATÉ 1 SM	1.443	3,75	1.012	1,21	6.642	10,59	2.486	1,60
MAIS DE 1 A 2 SM	25.705	66,78	19.234	23,01	51.053	81,42	88.047	56,76
MAIS DE 2 A 4 SM	7.813	20,30	41.130	49,21	3.210	5,12	50.040	32,26
MAIS DE 4 A 7 SM	1.743	4,53	16.207	19,39	941	1,50	7.968	5,14
MAIS DE 7 A 15 SM	1.166	3,03	4.623	5,53	403	0,64	2.279	1,47
MAIS DE 15 A 20 SM	254	0,66	483	0,58	38	0,06	190	0,12
MAIS DE 20 SM	315	0,82	606	0,73	47	0,07	292	0,19
IGNORADO	51	0,13	282	0,34	372	0,59	3.832	2,47
Total	38.490	100,00	83.577	100,00	62.706	100,00	155.134	100,00

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da RAIS/MTE, 1998 e 2008.

eleva-se para 81,42% contra 56,76% na catarinense, sendo, portanto, a faixa de rendimento que mais emprega em ambos os estados.

Isso significa que, entre 1998/2008, houve aumento de 14,64% para o Ceará e de 33,75% para Santa Catarina na proporção de trabalhadores com remuneração de 1 até 2 salários. Ainda assim, o Ceará quando comparado a Santa Catarina apresenta maior percentual de trabalhadores com rendimentos entre 1 até 2 salários mínimos; porém, o aumento no número de trabalhadores nessa faixa salarial no estado do Sul foi superior.

Ao longo dos dez anos em estudo (1998/2008), fica evidente o empobrecimento dos trabalhadores da indústria têxtil catarinense e cearense. No Ceará, em 1998, 20,30% de sua mão de obra na indústria têxtil recebiam mais de 2 a 4 salários mínimos, contra 49,21% em Santa Catarina. Em 2008, o percentual do primeiro reduz-se significativamente para 5,12% e do segundo cai para 32,26%. A mesma tendência foi observada para todas as demais faixas de rendimentos nos dois estados. Entretanto, a redução percentual foi mais acentuada para o estado do Ceará do que para Santa Catarina.

Dessa forma, pode-se observar que o trabalhador têxtil é mal remunerado tanto no estado Sul quanto no estado do Nordeste, porém, com mais intensidade no último, apesar da melhoria no nível educacional dos seus trabalhadores. Sem dúvida, a intensa precarização no mercado de trabalho têxtil cearense justifica a ida de indústrias das regiões mais desenvolvidas do país para o Ceará.

6 Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar a dinâmica da indústria têxtil e comparar o perfil socioeconômico do trabalhador empregado nessa atividade em Santa Catarina e no Ceará, nos anos de 1998 a 2008. Os principais resultados apontam que entre 1998/2008 houve aumento no número de trabalhadores empregados em todos os setores da indústria de transformação nos dois estados em questão. Por sua vez, em dez anos, o número de estabelecimentos têxteis no Ceará cresceu 81,18%, e a sua capacidade de geração de empregos em 62,92%. No caso de Santa Catarina, a dinâmica do mercado de trabalho foi mais favorável em relação ao Ceará, uma vez que no estado do Sul o número de estabelecimentos cresceu em 92,38% e a geração de empregos 85,62%.

No tocante ao perfil dos estabelecimentos, a grande indústria têxtil era a que mais empregava no Ceará, em 2008, com 31,40% da sua mão de obra nessa atividade. No caso da têxtil catarinense, era o pequeno estabelecimento que mais empregava (27,99%) em 2008. No que diz respeito ao perfil socioeconômico dos empregados do setor têxtil, a mão de obra predominantemente era a feminina no Ceará e em Santa Catarina, tanto em 1998 quanto em 2008. No último ano, 59,04% para o primeiro estado e 63,70% para o segundo eram trabalhadores do sexo feminino. A faixa etária que encontra mais oportunidade de emprego no Ceará (30,43%), na atividade têxtil, em 2008, é a daqueles entre 30 a 39 anos de idade; já em Santa Catarina, o perfil do trabalhador empregado é mais jovem, com 26,55% entre 18 a 24 anos. Por sua vez, em ambos os estados cai significativamente o número de empregados a partir de 50 anos ou mais.

Entre 1998 e 2008, os trabalhadores do setor têxtil cearense passaram de 13,81% com segundo grau completo para 43,41%, respectivamente. Em Santa Catarina, o percentual

de trabalhadores com segundo grau completo passou de 10,23% em 1998 para 32,10% em 2008. Além disso, houve expressivo aumento no número de trabalhadores com ensino superior em ambos os estados. Todavia, apesar da melhora no grau de instrução do trabalhador, a rotatividade da mão de obra aumentou nos dois estados. No Ceará, em 2008, 38,08%, e em Santa Catarina, 35,62% dos trabalhadores permaneciam empregados por menos de 1 ano, com 92,01% no estado do Nordeste e 58,36% no estado do Sul auferindo rendimentos de até 2 salários mínimos.

No tocante à relação entre os resultados e a teoria analisada nesse estudo, constatou-se, de fato, que, a partir dos anos 1990, com o processo de reestruturação produtiva no país, o setor têxtil foi outra atividade econômica que passou por mudanças. Ao longo do período estudado, o perfil socioeconômico da mão de obra empregada na atividade têxtil em Santa Catarina e no Ceará apresentou desestruturação nas condições de trabalho. O empregado do setor têxtil se deparou com um quadro de aumento da rotatividade do emprego e **desvalorização** salarial. Apesar de novas ocupações terem sido criadas entre 1998/2008, em 2008, o trabalhador ganha menos do que há dez anos (1998), isto em ambos os estados, sendo mais precária a situação no Ceará.

A partir do exposto, pode-se validar a hipótese da pesquisa, uma vez que, mesmo com o aumento no nível educacional dos trabalhadores na indústria têxtil catarinense, e especialmente cearense, tal resultado não foi acompanhado de melhorias nas condições de vida do trabalhador. As limitações desse estudo decorrem principalmente da base de dados utilizada, a RAIS, que capta apenas o mercado de trabalho formal (estatutários e celetistas); em contrapartida, a referida base apresenta a vantagem de ter abrangência nacional, inclusive municipal, e ser disponível anualmente. Apesar dessas limitações, os resultados obtidos foram suficientes para informar sobre as características da indústria têxtil catarinense e cearense e comparar o perfil socioeconômico dos trabalhadores empregados em tal atividade.

Espera-se que, a partir desse artigo, outros trabalhos se direcionem ao cruzamento de mais variáveis e outras fontes de dados e, com isso, consigam identificar, mais claramente, os efeitos da abertura econômica, globalização e do processo de reestruturação produtiva sobre a atividade têxtil.

Referências

- ARRAIS, A.K. de M.; QUEIROZ, S.N. de; ALVES, C.L.B. 2008. Emprego industrial formal: análise das regiões Nordeste e Sudeste nos anos de 1994 e 2004. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS, VI, Aracaju, 2008. *Anais...* Aracaju, ABER, p 1-20.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL (ABIT). 2010. Indústria têxtil prevê crescimento de 4% para 2010. Disponível em: http://www.abit.org.br/site/navegacao.asp?id_menu=8&id_sub=26&idioma=PT. Acesso em: 10/01/2011.
- BARBOSA, M.Z.; NOGUEIRA JÚNIOR, S.. 2009. Reestruturação da cadeia de produção de têxteis no Brasil e seus reflexos na cotonicultura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, XXXVIII, Rio de Janeiro, 2000. *Anais...* Rio de Janeiro, SOBER, p 1-15.
- CAMPOS, M.J.C. de; MOUTINHO, L.M.G.; CAMPOS, L.H.R. de. 2009. Reestruturação produtiva e qualidade do emprego formal na Indústria Têxtil: um estudo comparativo entre as regiões Nordeste e sul. Disponível em: <http://devel.fpabramo.org.br>. Acesso em: 15/12/2009. p 1-18.
- CONSELHO ESTADUAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (CEDE). 2009. Setor têxtil dribla a crise econômica. Disponível em: <http://www.cede.ce.gov.br/noticias/setor-textil-dribla-a-crise-economica>. Acesso em: 12/06/2009.
- DEDECCA, C.S. 2008. Regime de trabalho, uso de tempo e desigualdade entre homens e mulheres, 18 p. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/seminario/DEDECCA.pdf>. Acesso em: 07/10/2009
- DEDECCA, C.S.; ROSANDISKI, E.N. 2006. Recuperação econômica e geração de empregos formais. *Parcerias Estratégicas*, 22:169-190.
- KON, A.; COAN, D.C. 2006. Transformações da Indústria Têxtil brasileira: A transição para a modernização. *Revista Economia Mackenzie*, 3(3):11-34.
- LEONE, E.T. 2003. O trabalho da mulher em Regiões Metropolitanas Brasileiras. In: M.W. PRONI; W. HENRIQUE (orgs.). *Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90*. São Paulo, Editora UNESP; Campinas, SP, Instituto de Economia da UNICAMP, p. 199-230.
- NEVES, M. de A.; PEDROSA, C.M. 2007. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. *Sociedade e Estado*, Brasília, 22(1):11-34.
- POCHMANN, M. 1999. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo, Contexto, 205 p.
- SARAIVA, L.A.S.; PIMENTA, S.M.; CORRÊA, M.L. 2005. Globalização e reestruturação produtiva: desafios à indústria têxtil brasileira. *Revista de Administração*, 40(1):68-82.
- SILVA FILHO, L.A.; QUEIROZ, S.N. de. 2009. A trajetória da indústria e do emprego formal no Ceará 1996/2006. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, XI, Campinas, 2009. *Anais...* Campinas, ABET, 20 p.

Recebido em: 27/07/2010

Aceito em: 15/04/2011